AGRICULTURA E BALANÇA COMERCIAL

EM 1981, HOUVE QUEDA NA RECEITA OBTIDA COM OS QUATRO PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DE EXPORTAÇÃO DO PAÍS. ESTE ESTUDO ANALISA AS PERSPECTIVAS DE EXPORTAÇÃO PARA O CAFÉ, O CACAU, O AÇÚCAR E A SOJA, TENDO EM VISTA A SITUAÇÃO DO MERCADO INTERNACIONAL PARA CADA UM DESTES PRODUTOS.

Por ocasião da primeira crise do petróleo, em 1973, as importações brasileiras cresceram cerca de 100%, em apenas um ano, saltando de US$ 6,2 bilhões para US$ 12,6 bilhões. Esse aumento ocorreu não apenas em função da elevação do preço do petróleo mas, também, em decorrência do maior volume de importações de bens de capital, necessários ao novo ciclo de investimentos que se desenvolvia, então, no país.

Naquela ocasião, abriu-se, na balança comercial brasileira, uma brecha de US$ 4,7 bilhões. Ao cabo de três anos, esse déficit tinha sido convertido num excedente de US$ 97 milhões. O mais importante, no entanto, é que esse resultado foi obtido sem redução excessiva da atividade econômica do país, uma vez que, no período 1974/1977, a taxa anual média de crescimento da produção industrial foi de 7,7%. Dentre os fatores que contribuíram para este êxito, merece destaque a expansão significativa das exportações, de aproximadamente US$ 4,2 bilhões, total em que a participação da agricultura foi da ordem de 49% (sem contar o crescimento da exportação de produtos agrícolas manufaturados ou semi-manufaturados). Os anos que se seguiram à primeira crise do petróleo servem para ilustrar, portanto, que as exportações de produtos agrícolas, apesar de uma participação decrescente no comércio exterior brasileiro, ainda têm importância estratégica fundamental para a balança comercial do país.

O segundo choque do petróleo, ocorrido no final de 1979, encontrou o país em situação mais vulnerável do que em 1973, no que diz respeito às contas externas. Em 1973, as reservas internacionais correspondiam a 1,04 vezes o valor total das nossas importações anuais e a 9,02 vezes o valor das importações anuais de petróleo bruto e derivados. Em 1979, esses coeficientes eram de 0,54 e de 1,51, respectivamente. Talvez por essa razão, entre outras, o governo tenha optado, desta vez, pelo recurso à redução da atividade econômica como forma de obter o reequilíbrio das contas externas.

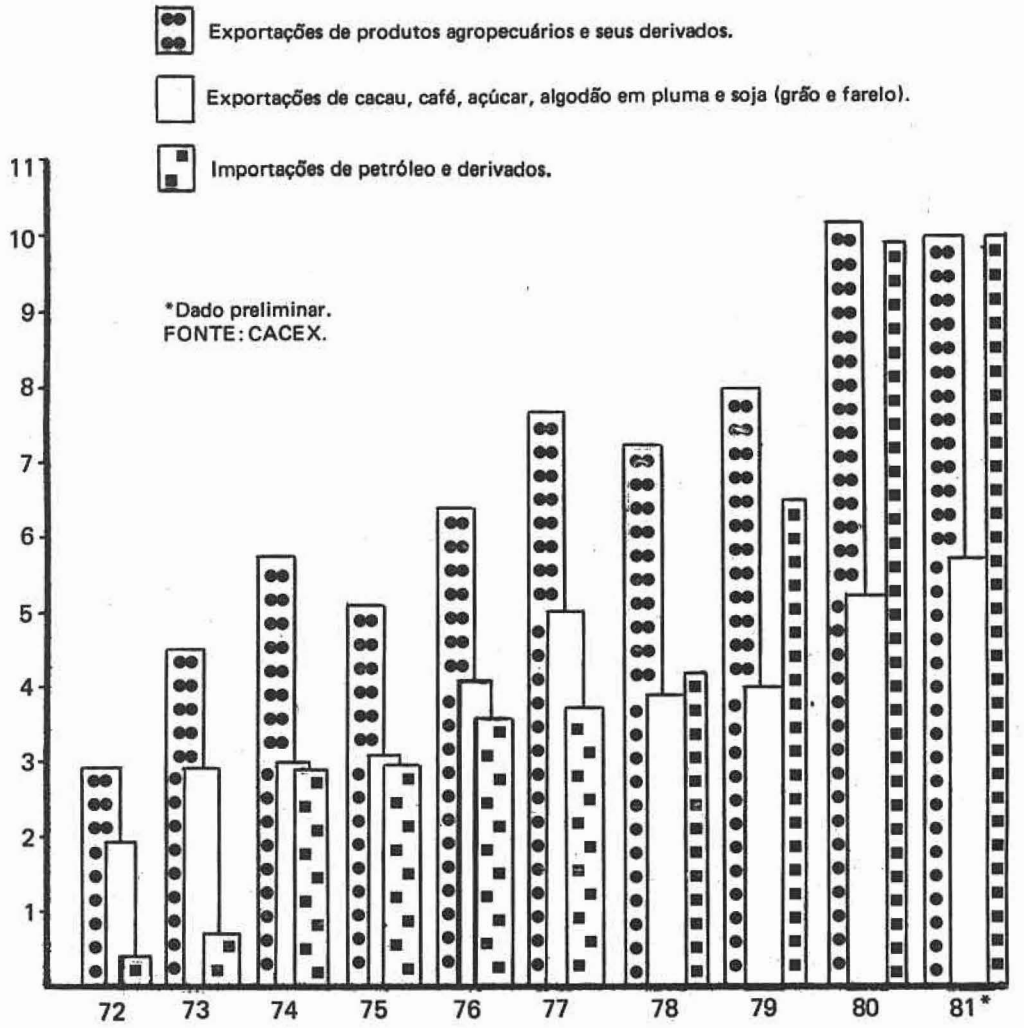
O impacto produzido pelos dois choques do petróleo sobre a balança comercial brasileira fica bem ilustrado pelo Gráfico 1. Verifica-se que nos anos de 1972 e 1973, antes do primeiro aumento significativo do preço do petróleo, o

valor obtido com as principais exportações agrícolas brasileiras (cacau, café, açúcar, algodão em pluma, soja em grão e farelo) superava, largamente, a fatura das importações de petróleo e derivados. Em 1974, logo após a elevação dos preços do petróleo por parte da OPEP, os dois valores passaram a se equivaler. Nos anos de 1976 e 1977, no entanto, a alta registrada na cotação internacional do café, do cacau e da soja reduziu o peso relativo da fatura do petróleo. Esta bonança, contudo, teve curta duração. Em 1978, o efeito combinado da queda das cotações dos produtos agrícolas brasileiros e do crescimento das importações de petróleo elevou as despesas com a compra de petróleo e derivados acima do valor arrecadado com as exportações dos principais produtos agrícolas. Dois anos depois, o impacto do segundo choque do petróleo passava a consumir o equivalente ao valor de todas as exportações brasileiras de produtos de origem agropecuária (inclusive manufaturados e semi-manufaturados).

Além do seu efeito nocivo sobre o balanço de pagamentos do país, a elevação do preço do petróleo produz dois tipos de pressão inflacionária. O

QUADRO 1

BRASIL — Quadro Comparativo das Exportações de Produtos Agropecuários e seus Derivados, da Receita Obtida com as Vendas Externas de Cacau, Café, Açúcar, Algodão em Pluma, Soja (Grão e Farelo) e das Importações Brasileiras de Petróleo, para o Período 1972-1981 — (US$ bilhão)



primeiro, mais comumente mencionado, é o que decorre de um fenômeno de repercussão de preços. A elevação do preço do petróleo incide sobre o custo de produção de determinados bens e, conseqüentemente, sobre os preços pagos pelo consumidor. O segundo tipo de pressão inflacionária, que pode ser neutralizado, a curto prazo, pelo endividamento externo ou pela perda de reservas internacionais, é o que resulta da redução relativa da capacidade de importar do país. Com efeito, a necessidade de exportar quantidades crescentes de bens e serviços para pagar a importação de um volume fixo de petróleo faz com que o equilíbrio da balança comercial seja alcançado a um nível de importações inferior ao que seria possível obter, se não tivesse havido aumento do petróleo. Essa diminuição do potencial de importação de um país equivale a uma redução da oferta interna de bens e serviços. O Gráfico 1 mostra o impacto crescente desse segundo tipo de pressão inflacionária sobre a economia brasileira.

O Impacto Inflacionário do Preço do Petróleo

Por ocasião do primeiro choque do petróleo, a pressão inflacionária que resultou da redução relativa da capacidade de importar do país foi neutralizada, em parte, pelo endividamento externo e pela perda de reservas internacionais. Posteriormente, a valorização de alguns de nossos produtos agrícolas de exportação contribuiu, igualmente, para amenizar os efeitos da primeira grande elevação do preço do petróleo. Em 1979, quando os países produtores de petróleo decidiram recorrer a um novo aumento substancial de preços do seu principal produto de exportação, a situação era radicalmente diferente. O nível das reservas internacionais, em termos relativos, era inferior ao de 1973, a capacidade de endividamento externo do país era bem menor e os preços dos principais produtos agrícolas de exportação do Brasil estavam em processo de queda. Esses fatores, aliados à necessidade de conter um processo inflacionário que já atingia a casa dos três algarismos, levaram o governo a recorrer a um processo de redução do nível da demanda interna, como forma de ajustá-la às necessidades de um equilíbrio da balança comercial.

Deste modo, a recuperação da balança comercial processou-se de forma mais rápida do que no período 1974/1977. Em apenas dois anos, o país passou de um déficit de US$ 2,7 bilhões nas transações comerciais para um excedente da ordem de US$ 1 bilhão. Esse equilíbrio, no entanto, é bastante precário. Em primeiro lugar, porque foi obtido, em grande parte, graças à forte redução verificada na produção industrial do país. A reativação da atividade econômica, que deverá ocorrer, já neste ano, poderá criar novas pressões sobre a balança comercial. Em seguida, porque o crescimento das exportações de manufaturados vem sendo acompanhado por um aumento considerável da massa de subsídios concedidos pelo governo, artificialismo que terá de ser contido, sob pena de comprometer a política monetária governamental e de suscitar forte reação da parte dos países importadores.

Sendo assim, é interessante verificar quais são as perspectivas de exportação para os principais produtos agrícolas brasileiros e seus derivados, durante o ano de 1982, a fim de avaliar a contribuição que a agricultura poderá oferecer ao objetivo governamental de obter um excedente de US$ 3 bilhões na balança comercial brasileira.

Participação menor, mas ainda importante

Há cerca de vinte anos, as exportações agrícolas (café em grão, açúcar, algodão em rama e cacau em amêndoas) representavam 74,2% do total das vendas brasileiras, sendo que o café em grão, por si só, contribuía com 61%. Desde então, houve uma redução substancial na participação relativa da agricultura no comércio exterior do país. Esse fenômeno foi, em boa medida, uma conseqüência natural do rápido processo de industrialização registrado no período, embora tenha sido reforçado pela política de incentivos fiscais à exportação de manufaturados e pela decadência do Brasil no mercado cafeeiro mundial.

Os incentivos à exportação de manufaturados, por outro lado, fizeram com que aumentasse a tendência à exportação de produtos agrícolas transformados industrialmente, em detrimento do comércio com produtos *"in natura"*. Assim, as exportações de óleo de soja, óleo de mamona, manteiga de cacau, café industrializado e suco de laranja, por exemplo, bastante modestas há vinte anos,

representam, atualmente, uma parcela significativa das vendas externas do país. Por isso, quando se considera o conjunto dos produtos de origem agropecuária (inclusive manufaturados e semi-manufaturados) verifica-se que a participação do setor agrícola na balança comercial brasileira ainda é importante: em 1980, por exemplo, ela superou os 50%.

O café, o cacau, o açúcar e a soja, *"in natura"* ou na forma de derivados, foram responsáveis, em 1981, por 30% das vendas totais brasileiras. Por essa razão, procura-se, neste trabalho, explorar as condições de mercado que, possivelmente, determinarão a evolução dos preços destes quatro produtos durante o ano em curso.

O montante de divisas arrecadado com as exportações de determinado produto agrícola depende do volume exportado e do preço médio unitário obtido nas vendas externas. Este último, por sua vez, é influenciado não só pelo nível inicial dos preços mas, também, pela trajetória destes preços ao longo do ano. A seguir, procura-se detectar qual a trajetória provável para os preços do café, do cacau, do açúcar e da soja como forma de estimar o valor a ser arrecadado pelo Brasil com a exportação desses quatro produtos durante o ano de 1982. Com esse objetivo, a análise dos mercados e os resultados registrados nos anos de 1980 e 1981 servem de base para o balizamento das projeções de preços para cada produto.

CAFÉ

Em 1980, o valor médio das médias mensais das cotações do café, na Bolsa de Nova Iorque, foi igual a US¢156,15/libra-peso, sendo que os preços mantiveram-se acima da média até o mês de julho, quando iniciaram um processo de queda. Este se deveu não só à superação do risco de geadas no Brasil mas, sobretudo, às primeiras notícias a respeito de uma forte recuperação da produção brasileira na safra 1981/82.

Já em 1981, a trajetória dos preços do café, ao longo do ano, foi diferente. Até junho, as cotações continuaram a mostrar tendência à baixa, em decorrência da expectativa relacionada com o volume da safra brasileira. A geada do final de julho, no entanto, reverteu a tendência dos preços, dando início a um processo de alta que foi reforçado, posteriormente, pela renovação do Acordo Internacional e pela fixação de uma quota global de exportações, para o último trimestre do ano, relativamente apertada.

Desta forma, o ano de 1982 teve início com as cotações em nível superior ao registrado em janeiro de 1981. Mais importante ainda, contudo, é que, ao contrário do que ocorreu no ano passado, a tendência provável das cotações, durante o primeiro semestre de 1982, é de alta moderada ou, pelo menos, de sustentação dos preços. Na segunda metade do ano, a redução da oferta de café, em função de uma safra brasileira bem inferior à de 1981, deverá contribuir para a aceleração do processo de alta dos preços. Caso venha a ocorrer uma nova geada nas regiões produtoras, durante o inverno brasileiro, essa alta poderá atingir níveis difíceis de serem contidos nos limites do Acordo Internacional.

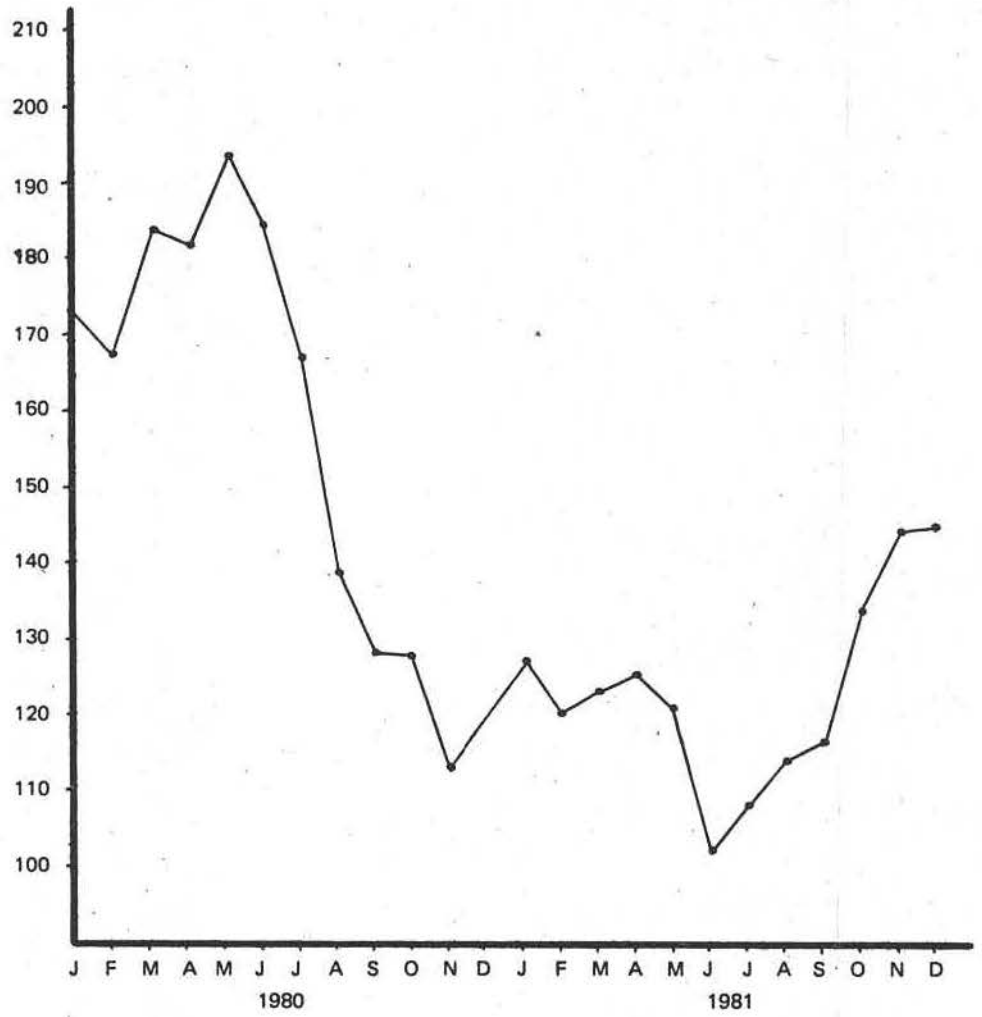
Durante a maior parte do ano corrente, a oferta de café, em nível mundial, ainda será relativamente folgada, em relação a um consumo estimado em cerca de 60 milhões de sacas. Desta forma, dificilmente o preço indicativo da OIC, no primeiro semestre, ultrapassará o nível de US¢ 150/libra-peso, a partir do qual o sistema de quotas é suspenso pela Organização Internacional. Contudo, mesmo que isto venha a ocorrer nos últimos seis meses do ano, o mais provável é que a média do preço indicativo, em 1982, fique abaixo de US¢ 150/libra-peso. Este valor pode ser adotado, portanto, como limite máximo para a média anual das cotações do contrato na Bolsa de Nova Iorque.

Tomando-se por base um preço médio de US¢ 150/libra-peso, pode-se proceder a uma estimativa do montante de divisas a ser arrecadado pelo Brasil com as exportações de café durante o ano de 1982. É interessante observar, desde logo, que o valor acima acha-se bastante próximo da média anual das cotações registradas na Bolsa de Nova Iorque para o ano de 1980. Naquele ano, o Brasil obteve US$ 2,8 bilhões com a exportação de 15,2 milhões de sacas de café.

Em 1982, o IBC calcula que o país poderá exportar um total de 17,5 milhões de sacas, dis-

QUADRO 2

CAFÉ (Tipo Santos) – Cotações do 1º Futuro na Bolsa de Nova Iorque (US¢/libra-peso)



FONTE: UNICOM.

tribuídas da seguinte forma: 15,3 milhões de sacas de café verde (das quais, 13,5 milhões aos países membros da OIC e 1,8 milhão aos países não membros) e 2,2 milhões na forma de café solúvel. Segundo, ainda, aquela autarquia, a receita de exportações derivada da atividade cafeeira poderia variar, em 1982, entre US$ 2,2 bilhões e US$ 2,6 bilhões. Estes valores correspondem à entrada efetiva de divisas, uma vez descontada a parcela referente ao resgate dos Avisos de Garantia emitidos pelo IBC. Em 1981, segundo o mesmo critério, o montante arrecadado foi de apenas US$ 1,8 bilhão.

A estimativa do IBC para 1982 parece bastante realista, tendo em vista o nível atual das cotações e a tendência do mercado. Além disso, a autarquia cercou-se de natural cautela ao fixar um intervalo bastante amplo para a sua previsão. Em termos brutos, o valor exportado pelo Brasil, em 1982, poderá alcançar a soma de US$ 2,8 bilhões, retornando ao nível alcançado em 1980.

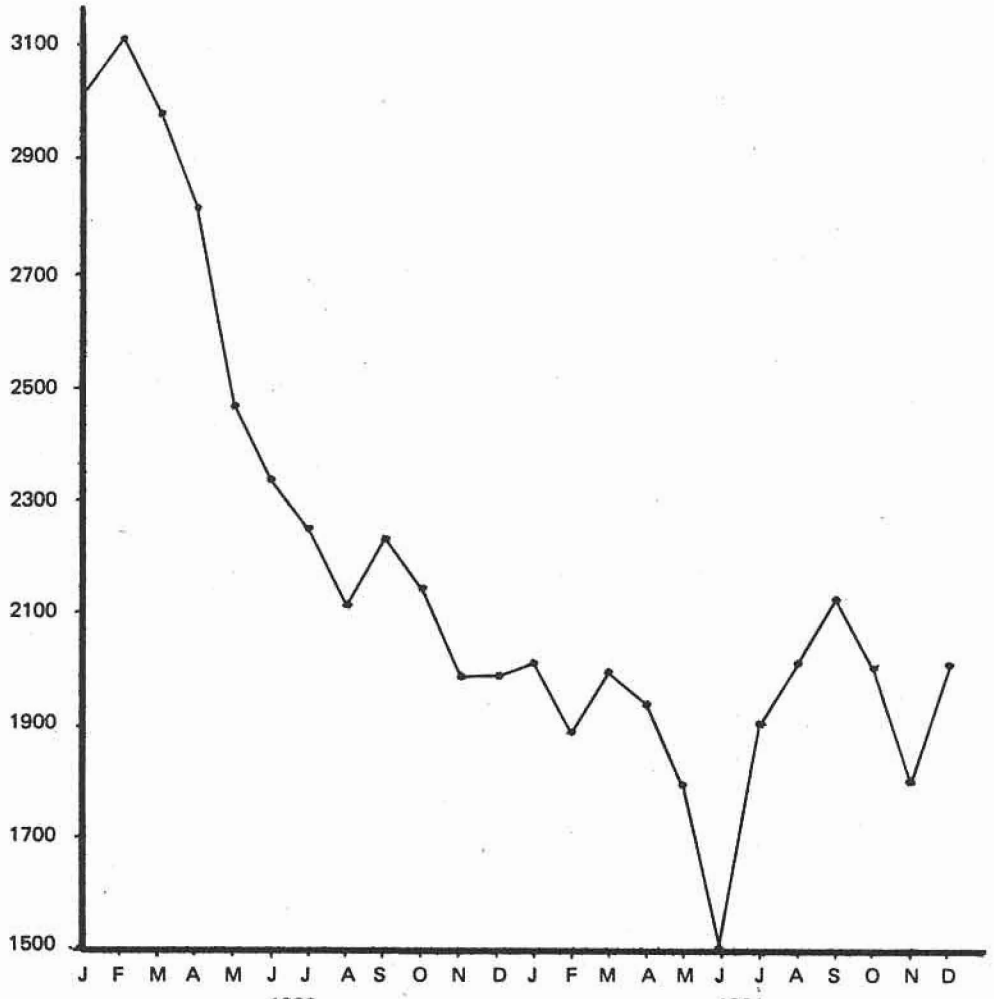
CACAU

As cotações do cacau experimentaram, entre janeiro e dezembro de 1980, uma queda da ordem de 34%. Em 1981, contudo, o processo de baixa alcançou o seu limite e as cotações permaneceram praticamente estáveis. Deste modo, a média anual das cotações registradas na Bolsa de Nova Iorque, que alcançava US$ 2.465/t em 1980, caiu para US$ 1.920/t em 1981. Em conseqüência, o valor das exportações brasileiras de cacau e derivados sofreu forte redução, de US$ 694 milhões, em 1980, para cerca de US$ 600 milhões, em 1981.

O problema do mercado internacional de cacau reside no excesso crônico de oferta, cujas conseqüências desastrosas já haviam sido previstas pelo **Grupo de Informação Agrícola**, em estudo publicado em **"Agroanalysis"**, vol. 3, nº 6, no mês de julho de 1979. Pelo quinto ano consecutivo, a quantidade produzida excederá, largamente, o consumo mundial. A tal ponto que, para o final da temporada 1981/82, estima-se que os estoques

QUADRO 3

CACAU (Tipo Bahia) – Cotações do 1º Futuro na Bolsa de Nova Iorque (US$/tonelada)



FONTE: UNICOM.

mundiais alcançarão o volume de 680 mil t, equivalente a 40% do consumo previsto. Apesar desta situação de preços desfavoráveis, alguns grandes países produtores, como a Costa do Marfim, Gana e Nigéria, têm revelado a intenção de continuar expandindo a sua produção. O Brasil, porém, ao que tudo indica, decidiu, ainda que de forma oficiosa, colocar um freio em seus planos, bastante ambiciosos, de crescimento da produção.

Por essas razões, embora a demanda mundial mostre certa tendência à recuperação, em função, sobretudo, do preço extremamente baixo do produto, é pouco provável que as cotações experimentem alta significativa no decorrer de 1982. Atualmente, os preços giram em torno de US¢ 97/libra-peso, valor inferior ao piso previsto no Acordo Internacional, que é de US¢ 110/libra-peso, e os esforços dos países produtores, no sentido de provocar uma reação do mercado, têm-se mostrado infrutíferos.

Em 1981, a receita obtida com as exportações de cacau e derivados não deverá ultrapassar os US$ 600 milhões, valor inferior em cerca de US$ 94 milhões ao resultado obtido em 1980. Para 1981, a hipótese mais provável é de estabilidade nas cotações do produto. Nos primeiros dias de janeiro, os preços mostraram leve tendência de alta, em função do golpe de Estado que ocorreu em Gana. No entanto, à medida que a situação volte a se normalizar naquele país e que o novo governo retome os planos de recuperação da lavoura cacaueira ganense, as cotações do cacau tenderão novamente a se estabilizar.

Sendo assim, a receita a ser obtida, em 1982, com as exportações de cacau, deve ficar, mais uma vez, por volta dos US$ 600 milhões, tendo em vista que não se deve esperar nenhuma alteração substancial no preço médio de exportação e que as possibilidades de expansão significativa do volume exportado são bastante reduzidas.

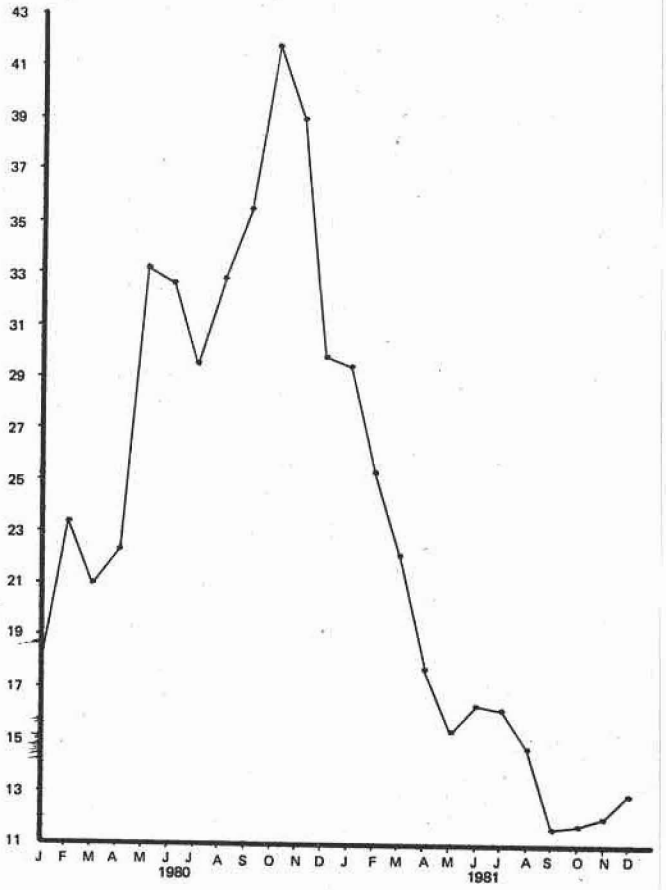
AÇÚCAR

Dentre as *"commodities"* agrícolas, o açúcar é a que apresenta maior grau de variação nos preços. O comportamento das cotações, nos últimos dois anos, ilustra bastante bem a variabilidade dos preços deste produto. Em janeiro de 1980, a libra-peso de açúcar do tipo 11, na Bolsa de Nova Iorque, valia US¢ 17,98. Nos nove meses seguintes, a cotação registrou substancial aumento, alcançando um pico de US¢ 41,79 no mês de outubro. Em seguida, no entanto, os preços começaram a cair rapidamente, furando o piso de US¢ 12/libra-peso nos meses de setembro, outubro e novembro de 1981. Atualmente, as cotações tendem a flutuar em torno dos US¢ 13/libra-peso.

O Acordo Internacional prevê variações de preços entre os limites de US¢ 12/libra-peso e US¢ 22/libra-peso. Tendo em vista, contudo, a existência de um considerável excedente de produ-

QUADRO 4

AÇÚCAR (Raw-tipo 11) – Cotações do 1º Futuro na Bolsa de Nova Iorque (US¢/libra-peso)



FONTE: UNICOM.

ção, o mais provável é que as cotações flutuem dentro do intervalo US¢ 12/libra-peso/US¢ 16/libra-peso, de modo a compor uma média de, aproximadamente, US¢ 14/libra-peso.

Em 1980, as exportações de açúcar (demerara, cristal e refinado) e de melaço renderam ao Brasil US$ 1,37 bilhão. Em 1981, apesar de uma cotação anual média, na Bolsa de Nova Iorque, substancialmente mais baixa, o país ainda conseguiu obter, com a venda externa destes dois produtos, cerca de US$ 1,1 bilhão, graças à existência de contratos de fornecimento com preços antigos. Em 1982, todavia, não só o preço médio tenderá a cair, novamente, como deverá diminuir, grandemente, a importância relativa dos contratos firmados com preços ainda altos. Sendo assim, haverá uma queda substancial no montante de divisas obtidas pelo país com as exportações de açúcar e de melaço.

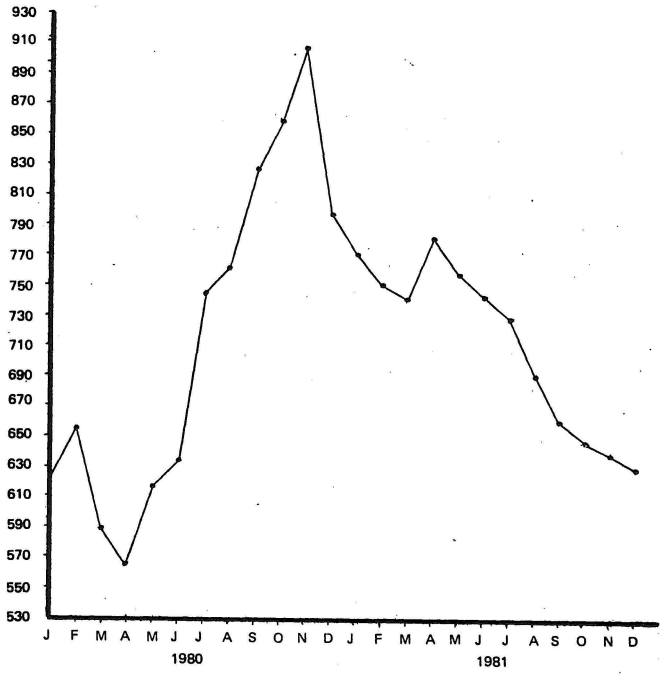
Em 1981, enquanto a cotação média da Bolsa de Nova Iorque foi de US¢ 17,21/libra-peso, o preço médio de exportação do açúcar demerara brasileiro situou-se em US¢ 19/libra-peso. Para 1982, caso a média da Bolsa fique em US¢ 14/libra-peso, pode-se prever uma queda mais ou menos proporcional no preço médio das vendas brasileiras dos diversos tipos de açúcar. Em conseqüência, a receita a ser obtida com as exportações de açúcar e melaço, em 1982, poderá cair para o intervalo US$ 800 milhões/US$ 900 milhões.

SOJA

A cotação da soja em grão na Bolsa de Chicago, é, atualmente, de US¢ 627,50/bushel, nível muito próximo do que prevaleceu no primeiro semestre de 1980. A partir de junho de 1980, no entanto, a cotação elevou-se rapidamente, em função da quebra da safra norte-americana daquele ano, atingindo o pico de US¢ 908,07/bushel em novembro. Após uma certa acomodação, o preço manteve-se ainda elevado até o mês de julho de 1981, ocasião em que começou a se configurar a possibilidade da ocorrência de uma volumosa safra de soja nos EUA, cuja produção havia sido estimulada pelos altos preços do ano anterior. Desde então, a cotação da soja em grão, na Bolsa de Chicago, tem caído mês a mês, até o nível atual, de US¢ 627,50/bushel.

QUADRO 5

SOJA-GRÃO (One Yellow) – Cotações do 1º Futuro na Bolsa de Chicago (US¢/bushel)



FONTE: UNICOM.

As perspectivas de recuperação do preço, nos próximos meses, são pequenas, tendo em vista o volume excessivo da safra norte-americana, cuja comercialização se acha ainda no começo. Espera-se, contudo, para 1982, uma certa reativação da demanda mundial de farelo de soja, fator que poderia contribuir para a sustentação das cotações do produto. É possível, ainda, que uma quebra da safra brasileira[1] a ser colhida a partir de março, provoque uma certa elevação dos preços. Ou, mesmo, que a próxima safra norte-americana, que começa a ser plantada em abril/maio, revele forte redução da área plantada, fazendo com que o mercado antecipe uma situação de escassez do pro-

1 a esta altura improvável, já que as condições climáticas, até o momento, têm-se mostrado bastante favoráveis.

duto a partir do mês de outubro, fenômeno que teria, igualmente, reflexo sobre os preços. Desta forma, não se pode descartar, totalmente, a possibilidade de uma forte recuperação dos preços no segundo semestre de 1982. O mais provável, todavia, é que a cotação do grão permaneça dentro do intervalo US¢ 600/bushel—US¢ 700/bushel. Nesse caso, e, supondo-se um volume exportado, em 1982, igual ao de 1981[2], a receita bruta em divisas, a ser obtida com a soja e derivados, deverá ficar entre US$ 2,6 e US$ 2,7 bilhões.

Portanto, somando-se as estimativas referentes às exportações de cacau, café e soja, *"in natura"* ou na forma de derivados, o valor global, em divisas, a ser obtido com as vendas externas destes quatro produtos, poderá alcançar a soma de US$ 7 bilhões. O Quadro 6 compara este montante com os valores correspondentes para os anos de 1979 e 1980.

Verifica-se que o ano de 1981 foi caracterizado por uma queda na receita obtida com os quatro principais produtos agrícolas de exportação. Em 1982, poderá ocorrer modesta recuperação dessa receita, inferior, contudo, à taxa de inflação mundial e insuficiente para manter a participação daqueles produtos agrícolas no total das exportações brasileiras. Esse fato vai exigir, para que a meta de US$ 28 bilhões de exportações seja alcançada, um crescimento da ordem de 29% nas exportações dos demais produtos que compõem a pauta de exportações brasileira, taxa substancialmente superior à que foi possível obter em 1981 (+17,4%). Num ano em que a economia mundial deverá permanecer em recessão, os exportadores brasileiros terão que se desdobrar, para corresponder à expectativa do governo.

[2] o novo sistema de comercialização da soja, que permite a livre importação e exportação do grão, poderá resultar em aumento do volume exportado, embora estime-se que a safra brasileira, em 1982, terá, aproximadamente, o mesmo volume da de 1981. Em 1981, o Brasil importou, no regime de *"draw-back"*, cerca de 0,95 milhão de t de grão, quantidade que poderá crescer significativamente em 1982.

QUADRO 6

BRASIL — Exportações de Açúcar, Café, Cacau e Soja, "In Natura" ou na Forma de Derivados, e Exportações Totais Brasileiras: Resultados de 1979, 1980 e 1981 e Previsões para 1982 (em US$ milhão)

Produto	Ano						
	1979	1980	Var.%	1981	Var. %	1982	Var. %
Açúcar	412,4	1.370,2	232%	1.100	-20%	800-900	-18%
Cacau	947,7	694,1	-27%	600	-14%	600	0%
Café	2.318,8	2.772,9	20%	2.000	-28%	2.800	40%
Soja	1.651,4	2.264,2	37%	3.000	32%	2.600-2.700	-10%*
1) Total parcial	5.330,3	7.101,4	33%	6.700	-6%	6.800-7.000	4%*
2) Total das exportações brasileiras	15.244,3	20.132,4	32%	23.000	14%	28.000**	22%
3) 1 ÷ 2	34,96%	35,27%		29,13%		24%-25%	

* Considerando-se o limite superior da previsão.
** Meta do governo brasileiro para 1982.
FONTE: CACEX.